

Concepções sobre Gênero: o que pensam professores de Biologia da rede pública de ensino?

Conceptions about gender: what Biology teachers of the public schools think about it?

Larissa Caldas Farias Yamaguchi

Universidade Presbiteriana Mackenzie
larissayamaguchi@gmail.com

Rosana dos Santos Jordão

Universidade Presbiteriana Mackenzie
rosana.jordao@gmail.com

Resumo

Gênero é um assunto polêmico e em pauta atualmente na sociedade. O presente trabalho teve como objetivo identificar e analisar as concepções de gênero de três professores de Biologia da rede pública de ensino, supervisores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Utilizamos uma entrevista semiestruturada com questões abertas. A análise teve como foco buscar coerências e contradições nas respostas de cada docente. Verificaram-se relações incorretas entre gênero, identidade de gênero e orientação sexual, assim como confusões nas definições desses conceitos. Constatamos que o conceito de gênero não era claro para os docentes e o tema não foi abordado durante a graduação. Tais resultados indicam a necessidade de investimentos na formação inicial, para que os professores possam discutir gênero e sexualidade com segurança, contribuindo para a promoção da igualdade nas escolas.

Palavras chave: gênero, identidade de gênero, sexo biológico, sexualidade.

Abstract

Gender is a controversial and discussed subject in society today. The objective of this work was to analyze and describe the gender conceptions of three Biology teachers of the public school system who participated as supervisors of the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). It was used a semi-structured interview with open questions. The analysis focused on seeking coherences and contradictions in the answers of each teacher. It was verified incorrect connections between gender identity, gender and sexual orientation as well as confusions in definitions of these concepts. We found that the concept of gender was not clear to teachers and the subject wasn't studied in their teacher training. These results show the necessity of investment in teacher training, so that teachers can discuss gender and sexuality with confidence, contributing to the promotion of equality in public schools.

Key words: gender, gender identity, biological sex, sexuality.

Introdução

Atualmente, têm sido veiculadas na mídia questões a respeito de sexualidade que envolvem formas de machismo e identidade de gênero e, concomitantemente, a partir de 2014 houve a propagação da chamada “ideologia de gênero”. Esse movimento desconsidera gênero como uma categoria de análise histórica e como um conceito científico baseado na produção de saberes no mundo. Sua força cresceu em um contexto de debates relacionados à elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE) em todo o Brasil (CARDOSO; FERRARI, 2016).

Na esteira dos preconceitos de gênero vem associada a violência. Segundo a organização *Transgender Europe* (TGEU, 2016), entre 2008 e 2015, foram contabilizados 2.016 casos de assassinatos de transgêneros no mundo.

Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho foi identificar e analisar as concepções de gênero de professores Biologia da rede pública de ensino, especificamente de docentes que atuaram como supervisores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em São Paulo-SP.

Referencial Teórico

A sexualidade possui papel central nas sociedades modernas e se refere às capacidades associadas ao “sexo”. Não é fácil entendê-la como fluida e inconstante, pois reiteradamente os sujeitos se apresentam ou são apresentados por sua identidade de gênero e orientação sexual (LOURO, 2001).

Sua construção ocorre num processo contínuo e não linear de aprendizado e reflexão, por meio do qual é elaborada a percepção de quem o sujeito é. E se desenrola sob condições históricas, sociais e culturais específicas e, por isso, há diversidade de expressões. Apesar dessa diversidade, a lógica heteronormativa – naturalização apenas do ato sexual entre pessoas de sexos opostos – leva a maioria a conceber a sexualidade como naturalmente íntegra e fixa. Assim, a sexualidade aparenta não articular os conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009).

O termo “sexo” possui múltiplos significados. Pode se referir ao ato sexual em si ou indicar um conjunto de atributos fisiológicos e anatômicos, capacidades reprodutivas e comportamentos que permitem categorizar pessoas como sendo “do mesmo sexo” ou “do sexo oposto”. Já a expressão “sexo biológico” inclui: informações cromossômicas, tipos de genitália e características fisiológicas secundárias que distinguem machos e fêmeas. Comumente divide-se os humanos em sexo feminino e masculino, respectivamente como quem possui os cromossomos XX e XY. Mas há variações na população, como: X, XXX, XYY, XXY (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009).

Para as ciências sociais e humanas, gênero é uma construção social a partir do sexo anatômico. É um conceito que considera a existência de machos e fêmeas na espécie humana, mas defende haver um conjunto de construções socioculturais que determinam os modos de ser homem ou mulher em determinado tempo e cultura (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009; COLOMBIA, 2016). Portanto, homens e mulheres não são simples produtos da anatomia de seus corpos e não há um padrão universal de comportamentos expressos por cada gênero porque as construções socioculturais se transformam (LAQUEUR, 1996; LOURO, 2016).

Historicamente foram designados aos corpos quais os papéis de gênero que deveriam assumir, sendo comum exigir-se aos corpos femininos que sejam mulheres e aos masculinos, homens. Assim, é perceptível que o uso de “sexo” e “gênero” como sinônimos é incorreto, pois são

conceitos distintos (CARVALHO, RABAY, 2015). Além disso, Louro (2016) alerta para a necessidade de desconstruir o binarismo de gênero, ao considerar a pluralidade de expressão de homens e mulheres.

Associada a gênero há a “identidade de gênero”. Identidade é um termo que se refere ao sentido de pertencimento a diferentes grupos - étnicos, sexuais, de classes, entre outros. Diferentes identidades constituem cada um e se transformam com o tempo. Desse modo, as identidades sexual e de gênero podem variar ao longo da vida (LOURO, 2016). A identidade de gênero é a identificação social e histórica às características e papéis convencionados masculinos ou femininos (BARRETO, ARAÚJO, PEREIRA, 2009; LOURO, 2016). Quem se identifica com o gênero atribuído ao nascer é considerado cisgênero e quem não, é transgênero (COLOMBIA, 2016).

A orientação sexual é um componente da sexualidade com três dimensões não conectadas diretamente: comportamento, desejo e identidade. Diz respeito à atração física, erótica ou emocional. Essa atração não se baseia no sexo e sim na identidade de gênero. A heterossexualidade é a atração entre pessoas com identidades de gênero opostas, enquanto a homossexualidade ocorre entre pessoas de mesma identidade de gênero. Na bissexualidade, os sujeitos sentem atração tanto por pessoas de identidade de gênero igual, quanto oposta à sua (COLOMBIA, 2016).

No dia-a-dia das escolas, por meio de currículos, normas, materiais didáticos, ações pedagógicas - entre outros - as diferenças de gênero, sexualidade, etnia e classe são (re)produzidas (LOURO, 2016). O respeito à diversidade de identidades de gêneros e de orientações sexuais está relacionado com a efetivação dos direitos humanos, sendo um dever dos Estados garanti-lo, pois é essencial para dignidade e humanidade dos indivíduos (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2006). Para fomentar a igualdade é preciso profissionais com formação adequada, que valorizem a diversidade e combatam preconceitos (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009). Tal fato evidencia a importância de pesquisas como esta, tendo como foco a formação docente.

Metodologia

Participaram deste estudo, três professores do PIBID do subprojeto Biologia da Universidade X. Todos cursaram Licenciatura em Ciências Biológicas e foram denominados como P1, P2 e P3. O sujeito P1 formou-se em 2010, leciona há 5 anos e ministra as disciplinas de Ciências e Biologia. P2 graduou-se em 1986, leciona há 27 anos e é pedagoga desde 2002. Dá aulas de Biologia e Matemática. Já P3 formou-se em 2012, leciona há 5 anos e ensina Ciências.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas (cf. BONI; QUARESMA, 2005) organizadas em quatro blocos: Formação do Docente, o Ensino do Tema na Escola, Papel de Formador de Professores e Gênero na Escola. As questões eram abertas e visavam fornecer elementos sobre as concepções dos entrevistados, suas vivências pessoais e profissionais e sua formação. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e analisadas.

Resultados e Discussão

Os três professores declararam que não estudaram a temática de gênero na Educação Básica, nem na Licenciatura, mas reconhecem que esse tema deve ser abordado na escola para combater preconceitos e promover o respeito diante da diversidade, como se observa nas justificativas a seguir:

Porque preconceito vai gerar violência e eu como educador não posso gerar uma situação de violência ou, pelo menos, não é o meu objetivo (P1).

Porque a gente não pode ter discriminação. De nenhuma forma. Entendeu? Olha o que tá virando aquele Oriente Médio. Olha a discriminação, o que que discriminação gera? Guerra, gente. Então, não pode ter discriminação. (P2).

[Os alunos devem ter] conhecimentos básicos pra respeitar o próximo, independente do seu gênero, de como ele desenvolve a sua sexualidade (P3).

Para levantarmos as concepções sobre gênero, solicitamos aos participantes que descrevessem como explicariam a um aluno de 11 anos o que é gênero. P1, primeiramente, declarou que não fazia ideia de como faria. Em seguida, comentou que questionaria o que é gênero e discutiria: “*Mas e aí, uma pessoa homossexual, como que ela é? É homem, ela é mulher?*”. Seu objetivo final seria definir que “*identidade de gênero é basicamente o que a pessoa decide ser*”. Tais falas sugerem que o docente não tinha clareza sobre os conceitos de gênero e de orientação sexual. Ao definir identidade de gênero passou a impressão de que um sujeito pode escolher deliberadamente sua identidade, o que não está de acordo com Barreto, Araújo e Pereira (2009), pois coloca a identidade de gênero no plano das escolhas racionais e não no campo dos sentimentos de pertencimento.

Essa falta de clareza foi reforçada em outro momento, quando relacionou identidade de gênero com orientação sexual:

Eu acho que assim [...], porque geralmente quem tem uma identidade de gênero diferente da sua são homossexuais. Geralmente, mas não é regra né? (P1).

De acordo com a fala acima, quem tem uma identidade de gênero diferente do seu sexo biológico geralmente é homossexual. Essa interpretação encontra amparo na segunda parte de sua resposta, quando cita um exemplo de meninas que se vestem como meninos, têm identidade masculina e têm relações com meninos. Ressaltamos que a relação é inadequada, pois identidade de gênero e orientação sexual são dimensões distintas, não conectadas diretamente (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009).

A docente P2, ao ser indagada sobre o que diria se alguém durante sua aula de Biologia lhe questionasse o que é gênero, esclareceu que, para ela, não há realmente uma definição:

Eu acho que hoje a gente não tem realmente uma definição [...]. você tem o sexo genético XX e XY. Quando nasce. E aí você tem que ver como vai se definir essa criança quando se desenvolver. Você não sabe como foi o desenvolvimento embrionário dela. Se realmente esses cromossomos atuaram como deveriam. Entendeu? Pra saber se esses hormônios atuaram como deveriam, para que esse cérebro funcione como um cérebro feminino ou um cérebro masculino (P2).

A fala acima mostra que P2 não entende gênero como uma construção social do sexo anatômico. Sua visão está baseada em explicações biológicas. Concomitante a essa explicação de base biológica, em outro momento da entrevista, P2 também considerou a influência dos estímulos oferecidos às crianças:

Aí uma mãe vai criar uma criança, fala: ah, ela não pode jogar futebol porque é brincadeira de menino, né. Então, os estímulos que a gente oferece são diferentes. Porque a criança é criada de forma diferente. Porque os estímulos dados são diferentes. Então, você acaba dando estímulos para o cérebro de forma diferente. Então, às vezes fala assim: ah... aquele menino acabou sendo muito mais esperto que aquela menina porque ele recebeu mais estímulos do que ela. Mas, porque a própria sociedade impõe isso. [...]

então o que vai diferenciar mesmo são os estímulos que a gente vai dar pra desenvolver a região dos neurônios (P2).

O excerto acima mostra que, para a educadora, há diferenças cerebrais entre pessoas do sexo masculino e feminino que decorrem de variações na quantidade e qualidade de estímulos sociais oferecidos às crianças de sexos diferentes. Por mais que P2 tenha reconhecido a influência dos estímulos externos fornecidos pela sociedade na constituição do gênero, ainda assim seu entendimento tem fundamentação biológica, compreensão que se opõe à de Barreto, Araújo e Pereira (2009), Scott (1995) e Louro (2016).

Ao relacionar orientação sexual e gênero, P2 afirmou:

A orientação sexual você vai explicar as formas como acontecem, né, realmente como acontece o sexo. O gênero, você vai definir a sexualidade de cada um. [...] você dá uma orientação sexual na idade correta. Assim, explica o que é ori... como ocorre o sexo, você explica o que são as partes anatômicas direitinho. Agora o gênero, aí cada um vai definir o seu (P2).

Ao afirmar que o gênero irá definir a sexualidade de cada um, P2 revela desconhecer que a sexualidade é constituída por três dimensões (BARRETO, ARAÚJO; PEREIRA, 2009). Ao dizer que cada um vai definir o seu gênero, contradiz-se com o que tinha dito anteriormente, que a identidade de gênero, em suas palavras “cérebro masculino” e “cérebro feminino”, é definida durante o desenvolvimento embrionário.

O docente P3 não acredita no gênero como uma construção social, como é possível verificar no trecho a seguir:

Eu acredito, existem algumas discussões sobre isso, algumas linhas diferentes, mas pra mim, o conceito que eu tenho, é que o sexo biológico já traz consigo o gênero que a pessoa faz parte. Eu não acredito que o gênero é construído socialmente, que a pessoa constrói o seu gênero (P3).

Ao afirmar que “o sexo biológico já traz consigo o gênero (de) que a pessoa faz parte”, P3 explicitou que para ele a determinação da identidade de gênero é biológica, mesmo tendo ciência da existência de “linhas diferentes” e de “discussões” que determinam a identidade de gênero e são contrárias ao determinismo biológico.

Ao narrar como explicaria a uma criança de 11 anos o que é gênero disse o seguinte:

Eu acredito que tem que começar pela questão de sexo biológico. Existe sexo biológico macho ou fêmea, homem ou mulher, né, o sexo biológico. E o gênero, masculino ou feminino. O gênero é onde a pessoa se encaixa, dentro desses padrões de conceito definidos. Ou é masculino, que é referente ao homem, ou é feminino que é referente à mulher (P3).

A fala acima revela, também, que para P3 “macho” é sinônimo de homem e “fêmea” de mulher, o que faz sentido segundo uma perspectiva estritamente biológica. Já ao explicar gênero, na verdade referiu-se à identidade de gênero.

Embora P3 tenha declarado que não considerava gênero uma construção social, há em sua fala elementos que explicitam a influência do meio: “Não só gene... não é exclusivamente genética, né, o meio e as experiências também influenciam essa questão do gênero, mas pra mim existe com certeza um componente genético que influencia isso”. Sua visão é, portanto, mista.

Dos professores entrevistados, P3 apresentou mais conhecimento em relação à sexualidade, pois afirma que não é sinônimo de sexo e é abrangente. Os três demonstraram uma compreensão de gênero como binário, existindo apenas os gêneros feminino e masculino.

Conclusões

Os professores não apresentaram amplo conhecimento a respeito da temática de gênero, embora reconheçam que o assunto deva ser abordado nas escolas. O determinismo biológico esteve claramente presente nas visões de P2 e de P3. Seus discursos revelaram contradições entre as marcas biológicas e a visão da construção sociocultural do gênero.

A questão da escolha deliberada de um gênero pelo indivíduo também esteve presente nas falas de P1 e P2, indicando ausência de percepção da dimensão do sentimento de pertencimento no processo de construção dessa identidade. Aqui, evidenciaram-se confusões entre as definições de orientação sexual e de identidade de gênero.

Podemos associar esses resultados à ausência dessa temática na formação dos sujeitos estudados.

Como a escola tem a obrigatoriedade legal de abrigar a diversidade, combater preconceitos e discriminações e promover a construção de igualdade, precisamos de professores que tenham domínio conceitual e atitudinal referente à temática ampla da sexualidade e, em especial, à questão de gênero. Nesse sentido, é urgente refletirmos sobre a ausência dessa temática na formação inicial e planejarmos ações formativas direcionadas aos futuros professores.

Referências

- BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 3 de jun. 2017.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>>. Acesso em: 5 de jun. 2017.
- CARDOSO, F.; FERRARI, A. Apresentação do Dossiê Gêneros e Sexualidades: Desafios e Potencialidade para a Educação em Tempos de Conservadorismos. **Revista Ártemis**, v. 22, nº1, p. 1-5, jul/dez, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/32137/16808>>. Acesso em: 14 de mai. 2017.
- CARVALHO, M. E. P; RABAY, G. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Estudos Feministas**, v. 23, n. 1, p. 119-136, 2015. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/estufemi.23.1.119>>. Acesso em: 09 de abr. 2018.
- COLOMBIA. Ambientes escolares libres de discriminación. **Orientaciones sexuales e identidades de género no hegemónicas en la escuela. Aspectos para la reflexión**. Bogotá: Ministerio de Educación Nacional (MEN, Fondo de Población de las Naciones Unidas (UNFPA), Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD), Fondo para la Infancia de las Naciones Unidas (Unicef), 2016. Disponível em: <https://unicef.org.co/sites/default/files/informes/Ambientes%20escolares%20Libres%20de%20Discriminacion%20May%202016_0.pdf>. Acesso em: 27 de set. 2018.
- LAQUEUR, T. Da linguagem e da carne. In: LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 13-40. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840778/mod_resource/content/0/Thomas-Laqueur-Inventando-o-Sexo%281%29.pdf>. Acesso em: 12 de out. 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2016. 184 p.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 176 p.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. **Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero**. 2006. Disponível em: <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf>. Acesso em: 1 de out. 2018.

TGEU. Transgender Europe. **Transgender Day of Visibility 2016 – Trans Murder Monitoring Update**. 2016. Disponível em: <<http://transrespect.org/en/tdov-2016-tmm-update/>>. Acesso em: 15 de mai. 2017.